

Ideologia e disputa: mobilização da extrema direita global na guerra da Ucrânia (2022-presente)

Érico Azera
Gabriel Porto
Raíssa Caliano

Introdução

Este *briefing* busca examinar a ascensão e consolidação da extrema direita na Ucrânia, traçando um paralelo entre o contexto histórico do Euromaidan e os desdobramentos do conflito entre Rússia e Ucrânia pós-2022. O estudo adota uma abordagem histórica e geopolítica, com a observação das dinâmicas sociopolíticas internas e internacionais espelhadas no contexto ucraniano. Para isso, foi crucial o resgate do Euromaidan como um marco inicial, onde movimentos de extrema direita, como o Svoboda e o Pravyi Sektor, começaram a se organizar e ganhar força, culminando em sua participação ativa nos conflitos que se seguiram.

A partir de uma revisão abrangente da literatura acadêmica, documentos de políticas, relatórios de organizações internacionais e cobertura da mídia, foi possível constatar que os avanços da extrema direita na Ucrânia se conectam bastante com os avanços dos movimentos radicalizados no restante do mundo. Por tal motivo, chamamos atenção para a “extrema direita transnacional”. A partir da entrevista conduzida pelos autores com a pesquisadora Letícia Oliveira, que se especializa em neonazismo e neofascismo, informações valiosas sobre o papel da extrema direita transnacional foram fornecidas, particularmente no contexto brasileiro e suas conexões com o conflito ucraniano. Este recurso qualitativo permitiu uma análise mais aprofundada das motivações ideológicas e das redes de apoio que têm fortalecido esses movimentos extremistas.

O objetivo central do *briefing* é explorar como os movimentos de extrema direita na Ucrânia, que emergiram durante o Euromaidan, se integraram ao tecido político e militar do país, e como esse fenômeno tem sido instrumentalizado tanto internamente quanto externamente. Ao analisar o pós-Euromaidan, o estudo visa compreender como esses grupos se tornaram atores importantes na arena geopolítica, contribuindo para a formação de milícias e a militarização de voluntários em resposta à ameaça russa. Também se examina a relação

entre a extrema direita ucraniana e as políticas de integração euro-atlântica, destacando as contradições e convergências ideológicas que surgem nesse processo.

Outro foco do trabalho é a análise das dinâmicas geopolíticas que envolvem a Ucrânia e como essas interações impactam o cenário internacional. O *briefing* contextualiza a expansão da União Europeia (UE) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção ao leste, situando a Ucrânia como um pivô nas disputas de poder entre o Ocidente e a Rússia. Nesse contexto, a pesquisa explora como a extrema direita ucraniana tem sido utilizada como uma ferramenta de ocidentalização, integrando-se em discursos anti-russos e, paradoxalmente, em alguns aspectos, na narrativa liberal promovida pelo Ocidente.

Por fim, são também abordadas as repercussões dessa dinâmica para o Brasil, destacando como a Guerra da Ucrânia tem sido instrumentalizada por grupos de extrema direita no país. A partir da entrevista com Letícia Oliveira e outros dados empíricos, o estudo examina as articulações da extrema direita brasileira, as suas divisões internas sobre o conflito e a utilização das redes sociais como ferramenta para disseminar ideologias extremistas. Essa análise se estende à exploração do impacto econômico e ideológico da guerra sobre o Brasil, ressaltando como o contexto ucraniano tem servido como um palco de disputas ideológicas no cenário político brasileiro.

A ascensão da extrema direita: o Euromaidan

Antes de iniciarmos a análise direcionada ao pós-2022, é necessário que façamos um resgate dos movimentos do Euromaidan, onde já se observava o embrião da extrema direita organizada na Ucrânia, que viria a se manifestar com maior força a partir da deflagração do conflito com a Rússia. Resumidamente, os movimentos iniciados em novembro de 2013 tinham como objetivo protestar contra o governo do então presidente Viktor Yanukovich, que havia suspenso a assinatura do Acordo de Associação da Ucrânia contra a União Europeia, mantendo assim o país mais próximo da Rússia. Desde esse período, já existia entre facções políticas à direita no país, um desejo pela ocidentalização ucraniana, bem como uma maior parceria com o institucionalismo euro-atlântico (o eixo UE-OTAN). A decisão de Yanukovich, portanto, foi percebida por movimentos da direita ucraniana como um retrocesso e um sinal de que o governo estaria adotando uma postura de submissão às vontades geopolíticas russas (Katchanovski, 2016).

Até então, a força dos movimentos de extrema direita ainda não era visível considerando o cenário político da época. Os protestos que se organizavam à altura tinham

como principal preocupação levar o país ao caminho da eurointegração e ao estreitamento de laços com o Ocidente e suas instituições. Uma das marcas que elevou o apelo do movimento, apelo este que foi utilizado como propulsor por certas facções políticas, foi o episódio do dia 30 de novembro de 2013. Após o envio de forças policiais para conter os manifestantes, houve excesso de violência e pessoas feridas, motivando um aumento do número de participantes nos dias que se seguiram (ver Salenkov, 2023; Krapfl e Burgsdorff, 2024). Estava claro para os manifestantes que havia truculência do governo Yanukovich com os movimentos do Euromaidan, e isso foi aproveitado por grupos e setores organizados da sociedade civil como catalisador para o crescimento dos protestos.

Tal expansão do movimento implicou a incorporação de grupos como o Svoboda na organização dos movimentos de rua e na proteção aos manifestantes contra a repressão policial. A partir daí, já é possível notarmos a organização de grupos de extrema direita em torno de ações violentas, algo que será explorado ao longo das próximas seções na formação de milícias durante os conflitos na Ucrânia. Detalhadamente, podemos pontuar o Svoboda (que em ucraniano significa “liberdade”) como um dos mais relevantes grupos da extrema direita ucraniana que passou a ter extrema relevância na política doméstica do país pós-2014 (Katchanovski, 2016). O partido expressa ideias anti-Rússia e anti-comunistas, contando com discursos chauvinistas de exaltação à Ucrânia, contrários à manutenção dos laços históricos com Moscou (Bustikova, 2015). Além do Svoboda, outros grupos ganharam protagonismo com o Euromaidan, como o Pravyi Sektor (“setor da direita” em ucraniano), o Batalhão Azov, o C14 e outros grupos menores que se associaram ao Pravyi Sektor, como é o caso do UNA-UNSO (ver Ishchenko, 2016; Katchanovski, 2016; Likhachev, 2016; Raghavan *et al*, 2022).

Os meses que se seguiram às primeiras movimentações do Euromaidan foram cruciais para entendermos o crescente protagonismo da extrema direita. A violência entre policiais e manifestantes teve intenso escalonamento no início de 2014, quando o governo passou leis mais repressivas contra as manifestações (Salenkov, 2023). Junto a isso, a agressividade de militantes do Pravyi Sektor, que já protagonizava os protestos na altura, demonstrou os ímpetos de combate incorporados pela extrema direita ucraniana. De certa forma, o aumento na violência entre forças policiais e manifestantes foi benéfico do ponto de vista dos grupos extremistas, pois certas concessões foram feitas por parte do governo Yanukovich. Essas concessões acabaram culminando na remoção do então presidente de seu cargo por votação parlamentar no dia 22 de fevereiro de 2014. Assim, ficou estabelecido um governo interino na Ucrânia. A queda do governo Yanukovich representa também o enfraquecimento de uma

postura ucraniana que buscava uma relação pacífica com Moscou. A tendência na política doméstica ucraniana a partir de 2014 passou a ser cada vez mais orientada à proximidade com o Ocidente e com as democracias liberais europeias.

Por esse motivo, é de suma importância entender o imediato pós-Euromaidan a fim de situarmos a extrema direita ucraniana nesse processo. A título de exemplo, durante a formação do governo interino, o Svoboda ganhou quatro posições em ministérios (Whelan, 2014), sinalizando uma integração desses grupos à administração pública da Ucrânia. Segundo Katchanovski (2016), cargos foram oferecidos a figuras da extrema direita no setor de defesa e em instituições como o Conselho de Defesa e Segurança Nacional, na Polícia Nacional e no Serviço de Segurança da Ucrânia. A situação é ainda mais alarmante ao considerarmos a incorporação de membros do Batalhão Azov (ver Box 1) às forças de segurança e à Guarda Nacional. Isso porque o grupo sempre teve como foco a formação militarizada de seus militantes, que ostentam simbologia ultranacionalista ucraniana, muitas vezes associada aos movimentos neo-nazistas europeus (Al Jazeera, 2024).

Box 1: O Batalhão Azov

O Batalhão Azov

O Batalhão Azov foi formado em maio de 2014 no contexto do pós-Euromaidan e em meio ao início da guerra civil no leste da Ucrânia (Cavandoli, 2016). O grupo ganhou notoriedade por ser formado por voluntários e foi integrado à Guarda Nacional da Ucrânia como parte do movimento de infiltração da extrema direita no governo ucraniano. O grupo é amplamente reconhecido por suas ligações com ideologias de extrema-direita e nacionalismo radical. Apesar disso, o governo ucraniano defende que a unidade é composta por combatentes patriotas empenhados na defesa do país contra a agressão externa. Com o início da invasão russa em fevereiro de 2022, o Batalhão Azov voltou a estar na linha de frente dos combates, tornando-se um símbolo da luta ucraniana contra as forças russas.

Figura 1: Membros do Batalhão Azov com símbolos da SS nazista



No período que sucedeu a deposição de Yanukovych e o estabelecimento do governo interino, percebemos alguns eventos que comprovam o fortalecimento da extrema direita ucraniana na política nacional, em especial ao considerarmos a guerra civil que ocorria no leste do país. Em rápida contextualização do conflito, as forças armadas da Ucrânia combatiam movimentos separatistas em Donetsk e Luhansk, que buscavam a manutenção de laços com a Rússia e reconheciam sua vulnerabilidade após a queda do governo Yanukovych (ver Cavandoli, 2016). Em resumo, com base na vitória das forças políticas que prezavam por uma ocidentalização da Ucrânia, a manutenção dos laços com Moscou por parte dessas províncias seria dificultada. Além disso, levando em conta a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, os grupos ultranacionalistas do país adotaram uma postura de maior protagonismo ao se unir a Kiev na repressão dos movimentos pela independência das províncias do leste. O Pravyi Sektor e outras organizações protagonizaram o envio de voluntários para o frente de batalha nas províncias “rebeldes”. Dessa maneira, parte da sociedade ucraniana passou a dar apoio a facções da extrema direita. Nas eleições locais de 2015, por exemplo, o Svoboda ganhou protagonismo na arena política ucraniana (Olszanski, 2015).

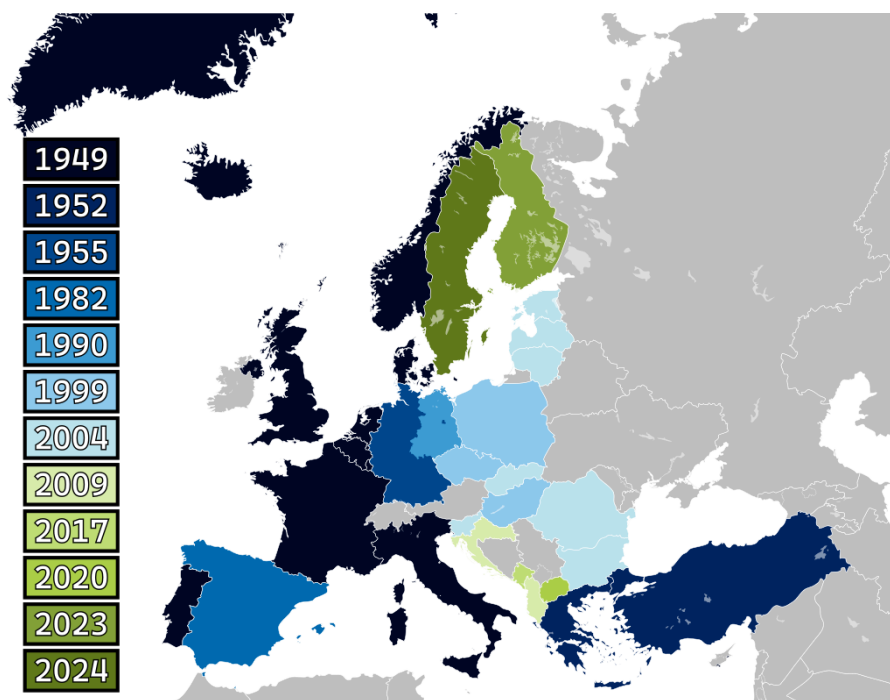
Entretanto, observando de maneira geral, a extrema direita organizada em torno de partidos na Ucrânia não conseguiu se configurar como grande força política no executivo e no legislativo, conquistando resultados modestos e limitados ao longo das eleições que sucederam. No entanto, a militância dos grupos como o Batalhão Azov ganhou destaque por envolver a militarização de seus membros e o envio desses para o conflito em Donetsk e Luhansk. Movidos pelo sentimento anti-Rússia, a extrema direita ucraniana passou a enxergar nos movimentos separatistas uma tentativa russa de restabelecer o domínio sobre a Ucrânia. Por tal motivo, grupos de voluntários encabeçados principalmente pelo próprio Batalhão Azov, pelo Pravyi sektor e pelo C14 ofereceram suporte às forças armadas regulares do país visando a defesa do território ucraniano contra o “inimigo”, no caso, Moscou (Katchanovski, 2016). Houve, portanto, uma amálgama entre as forças de combate oficiais e grupos paramilitares de militantes da extrema direita. Tal constatação é essencial para compreendermos a ação desses voluntários e da extrema direita transnacional durante a atual Guerra da Ucrânia.

Dinâmicas da geopolítica ucraniana

Nesta seção, daremos maior enfoque ao ganho de protagonismo da extrema direita ucraniana e situaremos esse movimento em meio ao conturbado cenário internacional e às disputas por influência geopolítica que têm na Ucrânia o pivô da expansão do Ocidente sob a égide do institucionalismo euro-atlântico (Makarychev, 2014; Mearsheimer, 2014; Walker, 2015; Dopchie e Lika, 2024). Para tal, cabe a reflexão do alargamento da UE e da OTAN na Ucrânia e como esse processo é enxergado pela Rússia, que se vê cada vez mais encurralada e com sua área de influência reduzida. Todo esse processo também torna possível analisar os grupos de extrema direita ucranianos como instrumentos da ocidentalização do país, visto que a militância desses grupos incorpora a visão anti-russa como um dos principais pilares ideológicos (Bustikova, 2015) e acabou adotando certos aspectos da visão liberal propagada durante os movimentos do Euromaidan, que pediam uma maior aproximação com as potências capitalistas e com o eixo UE-OTAN.

Cabe, portanto, uma contextualização dos processos de aproximação da Ucrânia com o Ocidente, mais especificamente detalhando o alargamento institucional euro-atlântico (ver Figura 2). Após a Revolução Laranja de 2004 (ver Karatnycky, 2005; McAllister e White, 2013), o cenário político doméstico ucraniano já indicava os caminhos pró-ocidente que seriam seguidos pós-Euromaidan. Ainda em 2007, foram iniciadas as primeiras negociações para a adesão à UE. No ano seguinte, durante a Cúpula da OTAN de Bucareste em 2008, a membresia foi garantida à Ucrânia pelos países membros, mesmo que não houvesse a oferta do Plano de Ação. Nota-se, assim, que o Ocidente encarava uma possível adesão da Ucrânia à OTAN naquele momento como uma afronta à Rússia e seu posicionamento geoestratégico no espaço pós-soviético. Em especial porque durante o final dos anos 2000 e o início dos anos 2010, havia certo grau de preocupação com um diálogo pacífico com o Kremlin. Porém, os anos da presidência de Yanukovych (2010-2014) significaram um retorno ao estreitamento de laços com Moscou e, por tal motivo, as negociações com o Ocidente se arrefeceram. A partir do sucesso dos movimentos do Euromaidan e das crescentes tensões russo-ucranianas em 2014 com a questão da Crimeia, a integração euro-atlântica tornou-se o caminho ideal na visão dos dirigentes do governo em Kiev. Com desdobramentos na invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022, compromissos foram traçados pela UE e pela OTAN a fim da efetividade da adesão. Em 2023, foi dado à Ucrânia o *status* de candidata à membresia na UE e, no mesmo ano, o país aplicou para a “membresia acelerada na OTAN”.

Figura 2: Mapa da expansão da OTAN (1949-2024)



Fonte: Wikimedia Commons, 2024.

Levando em conta a linha cronológica descrita, fica claro que o Euromaidan e os eventos que o sucederam alçaram a extrema direita a um patamar de importância na definição do futuro político da Ucrânia, nota-se que a pauta ucraniana de maior inclinação à integração com o Ocidente foi, de certa forma, incorporada nos discursos e na militância dos grupos de extrema direita. Nesse sentido, o sentimento chauvinista ucraniano passou a estar bastante ligado a ideais que viam na adesão à UE e à OTAN um caminho desejável para o país. Há, na visão de Shekhovtsov e Umland (2014), certa contradição ao considerarmos partidos ultranacionalistas como o Svoboda advogando pela eurointegração de forma incisiva. Entretanto, ideias pró-ocidentais são justificadas pelos autores devido ao fato dos “medos” que se fazem presentes nos discursos desses partidos, mais especificamente no anti-comunismo e ideias contrárias à aproximação com Moscou. Lembramos, porém, que não há homogeneidade nos discursos da extrema direita quanto à eurointegração, considerando por exemplo o fato do Pravyi Sektor adotar uma visão mais eurocética sobre o tema.

Um dos fatores que merecem ser apontados acerca das convergências ideológicas entre as forças ocidentais e as facções políticas anti-Rússia na Ucrânia é a narrativa acerca do “imperialismo” russo sobre o país (Shekhovtsov e Umland, 2014; Oksamytna, 2023). Esse apelo é por muitas vezes feito por grupos de extrema direita a fim de mobilizar militantes para fins paramilitares no leste do país, tanto durante os conflitos separatistas em Donetsk e Luhansk e após fevereiro de 2022 (Bustilova, 2015; Katchanovski, 2016).

A narrativa de que o governo Putin pretende construir um projeto neo-imperial e neo-soviético no espaço pós-soviético é propagada por fontes acadêmicas (ver Mansourov, 2005; Kushnir, 2018; Miarka, 2020) e é utilizada como fator de mobilização por essas organizações de extrema direita. O discurso desses grupos encaram a Rússia como força imperialista disposta a utilizar métodos militares para reforçar sua dominância sobre as ex-repúblicas da União Soviética. Podemos, portanto, encontrar convergências entre o discurso de expansão europeia e ocidental e a criação do sentimento anti-russo não só na Ucrânia, mas também em outros países do Leste Europeu. O próprio processo de alargamento da UE e da OTAN tem como justificativa assegurar a integridade dos territórios contra a ameaça de Moscou, além de estabelecer um sistema ocidental de democracia liberal e de dessovietização (Rozenas e Vlasenko, 2018) das estruturas políticas dos países.

A participação de facções políticas de extrema direita nos protestos de 2013 e 2014 foi um fator que permitiu que esses grupos moldassem as reivindicações do Euromaidan à sua própria maneira (Ishchenko, 2016; Katchanovski, 2016; Raghavan *et al*, 2022), atraindo com isso a atenção de grupos transnacionais de extrema direita (Toscano e Grippo, 2023). Essa característica da transnacionalidade passou a ser explorada com maior intensidade a partir do Euromaidan, e transformou o leste da Ucrânia em um espaço de peregrinação e de treinamento militar. Ao mesmo tempo, o Estado ucraniano negligenciou o surgimento e o ganho de protagonismo desses grupos à medida que as estruturas que tais grupos vinham adquirindo estavam se tornando cada vez mais robustas e com características explícitas de milícias e organizações paramilitares (Amyuni, 2022).

Instrumentalização prática de extremismos

A guerra da Ucrânia tem sido veiculada como uma das maiores tragédias causadas no continente europeu desde a Segunda Guerra Mundial. A participação de forças estatais, como exércitos russo e ucraniano, assim como o envio de maquinário bélico por parte dos EUA e nações europeias inflam progressivamente os humores do conflito. Somado ao poder estatal, o conflito assume uma nova configuração com a mobilização da violência organizada por parte de núcleos de extrema direita. Esses grupos se enquadram como: grupos rebeldes, milícias políticas, milícias de identidade, e outras forças externas não estatais. Segundo a ACLED, plataforma de monitoramento de conflitos, mais de 1,500 localizações ucranianas foram prejudicadas com eventos violentos causados por grupos rebeldes, milícias políticas,

milícias de identidade e forças externas no exercício de 1 ano e 23 dias (dados coletados de 1 de Maio de 2023 a 24 de Maio de 2024). Ao todo, foram mais de 47 mil eventos causados por esses atores pelo país ucraniano (ACLED, 2024). Por definição, temos que “grupos rebeldes” são organizações políticas que questionam o governo nacional vigente pela violência. “Milícias políticas” são organizações violentas criadas para influenciar e impactar a governança, segurança, e políticas das áreas incidentes, comumente criadas em reação a um evento específico. “Milícias de identidade” são, por sua vez, grupos armados juntos por uma coesão religiosa, étnica, ou de estilo de vida. “Forças externas” são, por exemplo, empregados armados e mercenários contratados agindo independentemente. Os núcleos de extrema direita incidentes na guerra russo-ucraniana contam com o Batalhão Azov, Pravy Sector (setor de direita), C14, e Svoboda (ultra-direita nacionalista) como grupos violentos perpetuadores do conflito que possuem bases ideológicas na extrema direita.

Vale ressaltar que ambos os lados da guerra russo-ucraniana têm assumido facetas contemporâneas para garantir a vitória sobre o inimigo, como pela criação do IT Army pelo Ministério da Transformação Digital de Mykhailo Federov, em fevereiro de 2022, no primeiro mês do conflito. Como uma força voluntária internacional, o canal foi propagado inicialmente com o objetivo de neutralizar a informação de propaganda do inimigo, no aplicativo de mensagens Telegram. A missão do IT Army ucraniano se baseia no bloqueio de estruturas financeiras, governamentais e econômicas vitais para a estruturação russa, além do impacto em residentes da Rússia (IT Army, 2024) por meio de ataques DDoS (“distributed denial of service”) que funcionam como desestabilizadores do fluxo dos servidores comuns sobre estruturas rotineiras de softwares. Assim, o tráfego bancário, acesso à nuvem de dados ou base de dados se encontra prejudicado, o que ocorre para demonstrar poder sobre o inimigo fragilizado.

Figura 3: Foto Oficial do Canal IT Army Ukraine no Telegram



Fonte: TGStat, s. d.

Hoje, o canal conta com 142.281 inscritos, que participam dos chats criados em 26 de Fevereiro de 2022, há aproximadamente 2 anos e 4 meses (TGStat, 2024). Embora a média de inscritos seja negativa, com - 1425 inscritos por mês, o canal conta com um número alto de encaminhamentos (“forwards”) das mensagens dos chats do IT Army em outros canais do telegram - em média, com 75 posts por mês, o canal consegue protagonizar mais de 2.500 mensagens compartilhadas (TGStat, 2024) o que significa um alto alcance das mensagens propagadas pelo Ministério da Transformação Digital e seu exército remoto para fora do canal IT Army, alcançando outros canais não identificados. A mobilização contra a infraestrutura civil russa é uma iniciativa peculiar para termos de segurança internacional dado que não é totalmente civil nem totalmente militar, não é pública nem privada, ou local e internacional (Soesanto, 2023).

No entanto, sabe-se que o recrutamento da extrema direita internacional não começou com a Guerra Russo-Ucraniana de 2022: a realidade pós Euromaidan firmou a instabilidade de extremas direitas no leste europeu que hoje recruta soldados voluntários para ambos os lados, tanto para a Rússia, quanto para a Ucrânia. Segundo a pesquisadora Letícia Oliveira, editora do site do coletivo de informação El Coyote e pesquisadora nas áreas de neonazismo e neofacismo, entrevistada para a composição do presente policy briefing, a convocação e propaganda de homens para fortalecer as extremas direitas russa e ucraniana começou no Brasil entre 2014 e 2016, quando mais de 20 brasileiros foram recrutados para o lado russo. Esse recrutamento foi possibilitado principalmente por campos de comunicação remotos, com a plataforma mais usada sendo o Telegram, atual plataforma do canal IT Army de hackers do lado ucraniano. Embora seja um conflito distante para a população brasileira, a população mais conservadora tanto europeia quanto brasileira tende a se conectar mais com o lado russo tendo em vista que a Rússia representa, segundo a pesquisadora Letícia, a proteção do cristianismo e da população branca sem as mazelas atuais do ocidente, como a expansão de direitos a pessoas LGBTQIA+. Em reportagem do New York Times, essa é uma tendência já notada pela fala de Mr. Voigt, líder do Partido Democrata Nacional Alemão, um partido de extrema direita: “(quando) um homem e um homem podem beijar nas ruas da Alemanha, (as pessoas) olham para o leste e para a Rússia e veem que esse estilo de vida parou ali (...) para nós, isso é esperança” (Feuer e Higgins, 2016); assim, nota-se como a parcela do ocidente de extremo conservadorismo se volta para a Rússia para proteção de valores tradicionais, demonstrando uma mistura de posições dentro da ideologia da extrema direita.

Um exemplo da “salada” ideológica protagonizada pelo leste europeu é a escolha dos lados pelos diferentes grupos de extrema direita pelo mundo: o AFD, grupo de extrema direita alemão, e os Skinheads, grupo neonazista alemão, apoiam a Rússia; enquanto isso, o grupo 3a via apoia o lado ucraniano.

Assim, a extrema direita global na Guerra da Ucrânia se mobiliza por meios tradicionais como incorporação da ideologia às instâncias políticas como Ministérios e Forças Armadas, como também confere a manobra da digitalização, utilizada como canal de propaganda e recrutamento. O “Azov Lobby”, como estratégia para desmistificar boatos sobre o grupo neonazista, é prova da digitalização das estratégias de convencimento do Batalhão Azov: canais como X, Youtube e Telegram carregam armadilhas que permitem a criação de conexões e proeminência em determinadas plataformas (Urman e Katz, 2020), de forma que a digitalização está inerentemente contactada à propagação da narrativa de grupos neonazistas e neofascistas vinculados à Guerra da Ucrânia.

Percepção Brasileira sobre a Guerra e Principais Articulações

É notoriamente impossível – e também improvável – tecer uma discussão em torno das repercussões sobre o cenário brasileiro da guerra da Ucrânia sem mencionar aspectos econômicos. Pode-se dizer, na verdade, que para boa parte do mundo e portanto para o Brasil os primeiros efeitos da guerra foram os impactos econômicos, que no caso brasileiro se expressou via elevação nos preços das *commodities* e conseqüentemente elevações inflacionárias. Haja vista a Rússia como maior exportadora mundial de gás natural e o segundo maior exportador de petróleo, os barris logo passaram de 100 dólares para alcançar o pico de 130 dólares, o que foi refletido também na elevação dos preços dos combustíveis. (Schossler, 2023) Ainda assim, a alta internacional do petróleo ao longo de 2022 elevou os lucros das empresas petrolíferas, entre elas a Petrobras, que, assim como outras petrolíferas, registrou lucros exorbitantes: R\$ R\$ 188,3 bilhões em 2022, o maior da história da empresa.

Entre elevações da taxa de juros pelo Banco Central e discussões sobre a viabilidade do hidrogênio verde como uma fonte alternativa limpa – o que em termos é benéfico para o Brasil, haja vista sua capacidade e potencial de exportação apesar da incipiência deste mercado – é que se observa as capilaridades existentes entre os aspectos econômicos e ideológicos. Dizer que a economia condiciona a ideologia neste caso é ideal, e o maior exemplo disso é o fato de que os mesmos efeitos negativos sofridos pela Petrobras em decorrência da guerra foram constantemente utilizados como tema da campanha eleitoral de

2022. Para além disso, na verdade, é notável observar a extrema interseção entre temas econômicos e ideológicos ao observar a proliferação de grupos políticos diante do debate sobre a guerra, ao passo que encontram na questão ucraniana um ambiente propício de utilidade para a disseminação dos próprios ideais. Neste sentido, a guerra da Ucrânia se configura como um plano subjetivo e imaterial que permite o embate, como numa arena, de ideologias conflitantes e muitas vezes criminosas, como é o caso de alguns grupos da extrema direita brasileira. Ao se mobilizar, a extrema direita brasileira se aproveita não apenas das vulnerabilidades econômicas, mas também dos receios e temores que estas causam, somadas ao sofrimento do povo ucraniano. Esta mobilização será melhor trabalhada adiante neste *Policy Briefing*.

A mobilização do medo e anseios da população não se dá apenas no plano imaterial. Depreende-se que, neste sentido, a extrema direita brasileira possui algumas particularidades no que diz respeito à sua articulação – tendo em vista seu não tão vasto e na verdade limitado contingente de apoiadores, mas sólida rede de apoio. Estas particularidades previamente mencionadas aqui estão relacionadas sobretudo ao fato de que, na tentativa de inflamar os sentimentos de empatia e solidariedade a um lado ou outro da guerra, a extrema direita encontra um empecilho: pouco engajamento da opinião pública em relação a esta temática, que é predominantemente dominada no plano das redes sociais por atores de direita, segundo pesquisa realizada pela Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em abril de 2023.

Isso se dá por uma série de motivos, como menciona a entrevistada para esta pesquisa Letícia Oliveira, e um deles é o afastamento do Brasil com a questão ucraniana em termos geográficos – a distância, aqui, é fundamental – e também identitária, uma vez que não se pode dizer que da parte da população brasileira há uma identificação com a população ucraniana. A entrevistada ainda menciona que diferente é o caso palestino, por exemplo, uma vez que a causa palestina é universalmente aderida por toda a comunidade árabe em escala global e muito pelo fato de que existe uma comunidade árabe muito numerosa no Brasil, espera-se que haja mais aproximação desta pauta por parte do país. Depreende-se, portanto, que ao passo que existe uma boa quantidade de formadores de opinião de direita nas redes sociais inflamando o debate político sobre a temática, muito respaldado por uma sólida base de apoio, não se considera no Brasil a guerra ucraniana como parte essencial de nossa agenda política e diplomática.

Mesmo assim, esses grupos conseguem encontrar na fragilidade política e econômica nacional um terreno fértil para legitimação de seus ideais, e em um momento inicial, pode-se

dizer que esta mobilização parte das redes sociais. Materializada através da alta capacidade de propagação e velocidade na disseminação de ideias, a presença de grupos de extrema direita nas redes sociais se dá através de três plataformas principais, sendo elas o Facebook, considerada a rede social mais usada no país para se informar sobre política (Rádio Senado, 2022) e dominado pela repercussão de veículos de imprensa tradicionais, veículos independentes de direita (com foco em críticas a Lula ou no apoio às ações de Putin) e páginas militaristas, o Telegram, que proporciona uma comunicação mais espontânea e “livre” entre seus usuários, devido ao caráter “privado” de seus grupos e canais e que foi uma ferramenta que conseguiu mobilizar um número relevante de mensagens sobre o conflito, e, por fim, o Twitter, um pouco menos utilizado e que reúne profissionais liberais, jornalistas e ativistas políticos (Ernst, 2017) que frequentemente pautam o debate público e organizam a ação política de grupos.

Cabe mencionar também a partir dessas articulações que a extrema direita global não é monolítica, ou seja, ao invés de haver um consentimento estabelecido entre ela, o que ocorre é uma dissidência e uma variedade de posicionamentos sobre determinadas questões – como é o caso da guerra da Ucrânia, por exemplo. Este é um fenômeno que Leticia Oliveira chama na entrevista de “salada ideológica”, ou seja, é fato que existem várias extremas direitas e não apenas uma, sendo assim o apoio à Ucrânia ou à Rússia uma variável a depender do grupo focal. A entrevistada menciona que a extrema brasileira possui uma especificidade: ela, em quase sua totalidade, presta apoio ao lado ucraniano. Ainda assim, pode-se dizer que a articulação da extrema direita brasileira no contexto da guerra da Ucrânia é extremamente complexa, muito porque ela se encontra dividida desde o início da guerra.

Isso decorre de uma divisão da própria direita diante do fato de que parte dela se identifica com a direita ucraniana – a partir dos acontecimentos do Euromaidan –, mas outra parcela dela também flerta com a Rússia de Putin à medida que seu discurso prega a luta ao Ocidente e ao globalismo. O globalismo, ou seja, a negação da globalização, é um termo cunhado para designar a globalização sob um viés negativo e não como uma aproximação e troca entre nações, mas como uma afronta às tradições culturais e econômicas de cada país, resultando em um distanciamento fatal do Estado-Nação. O termo foi mobilizado pela política externa de Bolsonaro com não somente um significado de negação da globalização, mas de alcances mundiais de um conflito entre políticas de esquerda e de direita, (Pena, p. 373, 2019) e incorporado por grupos extremistas nas redes sociais no processo de radicalização da opinião pública bolsonarista, sendo assim um dos maiores símbolos do populismo bolsonarista, que ao mesmo tempo que se aproxima da Ucrânia, também enxerga

no Putin a figura de um líder que se opõe ao progressismo esquerdista e possui falas em que deprecia o Ocidente, profere discursos LGBTfóbico, etc. (Ruediger, p. 34, 2023)

Um dos elementos que apontam para o quão latente é essa divisão pode ser examinada no que David Magalhães, professor de relações internacionais na PUC-SP e coordenador do Observatório da Extrema Direita, conta sobre o uso da expressão "ucranizar o Brasil" em manifestações da direita e de grupos bolsonaristas. (BBC News Brasil, 2022) A expressão referia-se a promover uma desobediência civil violenta para expurgar as elites velhas e corruptas do Brasil, a direita fisiológica e a esquerda progressista. Nesse contexto, a Ucrânia é vista como um bastião de uma visão judaico-cristã ocidental, principalmente católica, por parte dessa direita. No entanto, há uma divisão dentro da direita brasileira em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia. Outra parcela da direita se inspira no regime ultra conservador e iliberal da Rússia, que viola sistematicamente os direitos de minorias como grupos LGBTQIA+ e feministas. Essa ala também se identifica com a figura de Putin, visto como um líder masculino, viril e autoritário, cuja agenda reacionária no campo cultural e moral ressoa com segmentos da direita brasileira, incluindo o próprio Bolsonaro.

Neste sentido, torna-se difícil mapear as mobilizações da extrema direita brasileira por conta do fato de que, apesar da maior adesão por parte dela à direita ucraniana – por isso sua especificidade, como vem sendo mencionado nesta pesquisa –, ainda assim boa parte dos engajamentos pela internet – nesta pesquisa, considerada o canal mais eficiente e procurado para legitimação dos ideais e também da adesão a grupos, são favoráveis ao lado russo da guerra. O intuito da pesquisa não é, portanto, apontar que a maior quantidade de engajamentos pró-Rússia indica que a extrema direita segue por essa linha, mas sim que, apesar de a maior parte dos posts e publicações da extrema direita estarem alinhados a Putin (Ruediger, p.6, 2023), a parcela radical da extrema direita que se alinha ao lado ucraniano encontra em fóruns e plataformas *online* um terreno fértil para a difusão de ideias radicais, reacionários e extremistas.

Depreende-se, deste modo, que existiu desde o início da guerra e continua existindo no Brasil uma mobilização difusa de grupos políticos que se debruçam sobre a temática da guerra da Ucrânia com intuito de favorecer a propagação de seus próprios ideais, utilizando o contexto trágico do conflito como oportunidade de divulgação através do uso das redes sociais, o que pode ter consequências mais diretas para o conflito – como é o caso do envio de soldados voluntários para combater em campo. Desse modo, observa-se a instrumentalização da ideologia para fins políticos tendo em vista a guerra como uma arena de disputa, em que o principal vetor, ao menos no caso brasileiro, é a internet.

Conclusão e Recomendação - ações de enfrentamento

A ebulição da Era pós Euromaidan configurou uma oportunidade para o fortalecimento da extrema direita nas bases institucionais e políticas ucranianas, incluindo a condução de suas forças armadas por parte de grupos de extrema direita, como o Batalhão Azov. Esse movimento é fortalecido na medida em que o recrutamento e propaganda ideológica atinge níveis transnacionais, que são mobilizados em torno da Guerra da Ucrânia.

O treinamento e recrutamento, por sua vez, tomou novas facetas, principalmente com a digitalização da extrema direita. O IT Army (2022), projeto DDoS ucraniano, demonstra bem essa adaptação, tendo em vista que a articulação se dá pelo Telegram, uma plataforma estrategicamente escolhida para captar e convencer o máximo de pessoas ao redor do mundo em torno dos ideais da extrema direita. Essa articulação extremista ocorre sem punições e por meios extremamente viabilizados, como pelas redes sociais, em que os envolvidos não são localizados e não há esforços sobre punições (Gonçalves, 2020), afirma pesquisador do Laboratório de História e Política Social (LAHPS), e pesquisador sobre extremas direitas com Odilon Caldeira Neto.

Na identificação da extrema direita brasileira, vemos novamente uma “salada ideológica”: na medida em que os recrutamentos são menores, a propaganda *per se* ganha destaque entre os conservadores brasileiros, que são menos atingidos por uma visão crítica da guerra. Assim, tanto Putin quanto a Ucrânia ganham destaque entre os apoiadores da extrema direita, que veem ambos os lados como “intocados” e “frenadores” das mazelas do ocidente, como o avanço da agenda progressista. Assim, **as recomendações variam desde a revisão do campo educacional e científico produzido no Brasil, até o cerceamento institucional e jurídico do crescimento da extrema direita no país** (Neto, 2023).

Resta perguntar-se quais são os próximos passos para o enfrentamento da agenda reacionária promovida pela extrema direita global. Letícia Oliveira, pesquisadora entrevistada para o presente Policy briefing, aponta em direção ao esforço contínuo para uma análise crítica do que consumimos online e academicamente. A organização política em torno da produção de informação foi um tópico importante na conversa com a pesquisadora, dado que os meios de propagação de ideias extremistas tendem a esconder sorrateiramente a magnitude, profundidade e proximidade do problema em questão. Sendo assim, a pesquisadora sugere o combate de extremismos implícitos na academia e nas redes sociais, o que necessita anteriormente da análise crítica em torno das informações e ideias propagadas.

Bibliografia

ACLED. **ACLED Explorer** 2024. Disponível em: <https://acleddata.com/explorer/#1714654904371-01f34ad7-b1ac> Acesso em: 31 de mai. de 2024.

AL JAZEERA. Profile: **Who are Ukraine's far-right Azov regiment?** Al Jazeera, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/1/who-are-the-azov-regiment>

AMYUNI, Álvaro A. **A extrema-direita na Guerra da Ucrânia: do Euromaidan às fileiras do exército ucraniano** – Parte 1. GEDES, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/a-extrema-direita-na-guerra-da-ucrania-parte-1/> Último acesso em: 25 de mar. de 2025.

BUSTIKOVA, Lenka. Voting, identity and security threats in Ukraine: who supports the Radical “Freedom” Party?. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 48, n. 2-3, p. 239-256, 2015.

CAVANDOLI, Sofia. The unresolved dilemma of self-determination: Crimea, Donetsk and Luhansk. **The International Journal of Human Rights**, v. 20, n. 7, p. 875-892, 2016.

COMO a guerra na Ucrânia tem aproximado parte da direita e da esquerda no Brasil. **BBC News Brasil**, 26 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60533626>>. Acesso em: 05 de jul. de 2024.

DOMINGUES, Henrique. **Nazismo na Ucrânia: força reacionária de combate ao novo mundo multipolar**. Vermelho, 26 set. 2023. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2023/09/26/nazismo-na-ucrania-forca-reacionaria-de-combate-ao-novo-mundo-multipolar/>

DOPCHIE, Robert; LIKA, Liridon. The EU Enlargement Strategy in the Western Balkans: Assessing the Implications Amidst the War in Ukraine. **European Foreign Affairs Review**, v. 29, n. 2, 2024.

ERNST, Nicole et al. Extreme parties and populism: an analysis of Facebook and Twitter across six countries. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 9, p. 1347-1364, 2017.

FEUER, Alan; HIGGINS, Andrew. “**Extremists turn to a leader to protect western values: Vladimir Putin**” (2016). In: Americas. The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/03/world/americas/alt-right-vladimir-putin.html?hp&action> Acesso em: 5 de jul. de 2024.

GONÇALVES, Leandro Pereira e UFJF. Entrevista com Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto. “Neofacismo à brasileira” 2020. In: Pesquisa e Inovação. UFJF Notícias. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/06/04/neofascismo-a-brasileira/> Acesso em: 31 de ago. de 2024.

ISHCHENKO, Volodymyr. Far right participation in the Ukrainian Maidan protests: an attempt of systematic estimation. **European Politics and Society**, v. 17, n. 4, p. 453-472, 2016.

IT Army. “**The official website of the fight against the enemy on the IT front**” (2024). Disponível em: <https://itarmy.com.ua/?lang=en> Acesso em: 26 de jun. de 2024.

KARATNYCKY, Adrian. Ukraine's orange revolution. **Foreign Affairs**, v. 84, p. 35, 2005.

KATCHANOVSKI, Ivan. **The Maidan massacre in Ukraine: A summary of analysis, evidence and findings**. In: The Return of the Cold War. Routledge, 2016. p. 220-224.

KRAPFL, James; KÜHN VON BURGSDORFF, Elias. Ukraine's Euromaidan and Revolution of Dignity, ten years later. **Canadian Slavonic Papers**, v. 65, n. 3-4, p. 325-334, 2024.

KUSHNIR, Ostap. Making Russia forever great: imperialist component in the Kremlin's foreign policy. **Rocznik Instytutu Europy Środkowo-Wschodniej**, v. 16, n. 4, p. 41-59, 2018.

LIKHACHEV, Viacheslav. **The far right in the conflict between Russia and Ukraine**. Ifri, 2016.

MAKARYCHEV, Andrey. Russia, Ukraine and the Eastern Partnership: From Common Neighborhood to Spheres of Influence?. **Insight Turkey**, v. 16, n. 3, p. 181-199, 2014.

MANSOUROV, Alexandre Y. “Strong Russia” Policy of the Putin II Government and Prospects for Security on the Korean Peninsula. **Strategic Research**, p. 91-134, 2005.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. **Foreign Affairs**, v. 93, p. 77, 2014.

MIARKA, Agnieszka Aleksandra. Para-states as an instrument for strengthening Russia’s position-the case of Transnistria. **Journal of Strategic Security**, v. 13, n. 2, p. 1-18, 2020.

NETO, Odilon Caldeira, e UFJF. Entrevista com Odilon Caldeira Neto. “Brasil é uma indústria de produção de extremismo de direita”. In: **Pesquisa e Inovação**. UFJF Notícias. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/01/23/brasil-e-uma-industria-de-producao-de-extremismo-de-direita/> Acesso em: 31 de ago. de 2024.

OKSAMYTNA, Kseniya. Imperialism, supremacy, and the Russian invasion of Ukraine. **Contemporary Security Policy**, v. 44, n. 4, p. 497-512, 2023.

OLSZANSKI, Tadeusz A. The local government elections in Ukraine. **Centre for Eastern Studies**, 4 nov. 2015. Disponível em: <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2015-11-04/local-government-elections-ukraine> Último acesso em: 25 de mar. de 2025.

PENA, Lara Pontes Juvencio. Globalismo: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019.

RAGHAVAN, Sudarsan et al. **Right-wing Azov Battalion emerges as a controversial defender of Ukraine**. The Washington Post, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/04/06/ukraine-military-right-wing-militias/>

RESENDE, Rodrigo. **Facebook é a rede social mais usada por brasileiros para se informar sobre política**. Rádio Senado, 14 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/03/14/facebook-e-a-rede-social-mais-usada-por-brasileiros-para-se-informar-sobre-politica>>. Acesso em: 05 de jul. de 2024.

ROZENAS, Arturas; VLASENKO, Anastasia. Breaking the Authoritarian Past: Political Consequences of De-Sovietization in Ukraine. **The Journal of Politics The University of Chicago Press**, 2018.

RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Aamaro. (Coord.). **Um ano de guerra na Ucrânia: atores e articulação ideológica no debate brasileiro sobre o conflito**. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV ECMI, 2023.

SALENKOV, Mihhail. **Maidan Square: 'A rather modest Ukrainian protest turned revolution'**. Euronews, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://www.euronews.com/2023/12/01/maidan-square-a-rather-modest-ukrainian-protest-turned-revolution>. Último acesso em: 25 de mar. de 2025.

SCHOSSLER, Alexandre. **As consequências da guerra na Ucrânia para o Brasil**. DW, 14 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/as-consequ%C3%A2ncias-da-guerra-na-ucr%C3%A2nia-para-o-brasil/a-64775960>>. Acesso em: 05 de jul. de 2024.

SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas. Die ukrainische radikale Rechte, die europäische Integration und die neofaschistische Gefahr: Vergleichende Betrachtungen zum parteipolitischen Ultrationalismus in der Ukraine. **Ukraine-Analysen**, n. 133, p. 7-11, 2014.

SOESANTO, Stefan. Ukraine's IT Army (2023). **Survival**, 65(3), 93–106. <https://doi.org/10.1080/00396338.2023.2218701>

TGSTAT. IT Army of Ukraine, s. d.. Disponível em: <https://tgstat.com/channel/@itarmyofukraine2022> Último acesso: 25 de mar. de 2025.

TOSCANO, Emanuele; GRIPPO, Andrea. Italian far-right foreign fighters in the Ukrainian war. The long chain of Transnational Recruitment Network (TRN). **International Review of Sociology**, v. 33, n. 2, p. 363-379, 2023.

URMAN, Aleksandra, & KATZ, Stefan. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram (2020). **Information, Communication & Society**, 25(7), 904–923. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1803946>

WALKER, Edward W. et al. Between east and west: NATO enlargement and the geopolitics of the Ukraine crisis. Ukraine and Russia: **People, politics, propaganda and perspectives**, p. 134-147, 2015.

WHELAN, Brian. **How the far-right took top posts in Ukraine's power vacuum**. Channel 4, 5 mar. 2014. Disponível em: <https://www.channel4.com/news/svoboda-ministers-ukraine-new-government-far-right>

WHITE, Stephen; MCALLISTER, Ian. **Rethinking the 'Orange Revolution'**. In: **Rethinking the 'Coloured Revolutions'**. Routledge, 2013. p. 115-142.